



“Da vigilância superior aos corações que choram”: a sexualidade em uma instituição de acolhimento da cidade de Pelotas/RS

Lóry da Silveira Ribeiro¹
Josiane Vian Domingues²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar algumas narrativas sobre a sexualidade de meninas que residem em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas/RS. Como forma de construir os dados, foram realizados um total de quatro encontros, com cerca de duas horas cada um, com quatro meninas. Tais encontros se caracterizavam por uma inspiração no grupo focal. Este grupo envolve atividades coletivas e podem ser utilizados diferentes artefatos disparadores tais como: revistas, propagandas, desenhos, músicas, filmes, entre outros. Durante a pesquisa foi percebido que de um lado os inúmeros preconceitos gerados pela temática sexualidade e por outro se contrapondo à realidade das meninas.

Palavras-chave: Instituição de acolhimento, meninas e sexualidade.

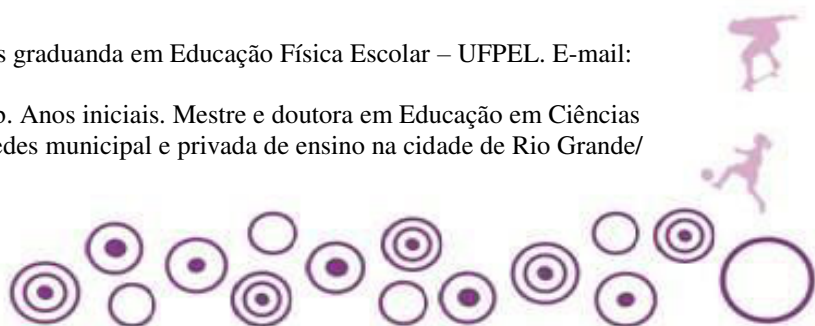
Apresentação


Este trabalho tem como objetivo analisar algumas narrativas sobre a sexualidade de meninas que residem em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas/RS. Para tanto, o mesmo foi realizado a partir de atravessamentos com experiências de vida, pela aproximação com uma instituição de acolhimento, por conta do programa Apadrinhamento Afetivo.

A importância de se pensar a sexualidade em uma instituição de acolhimento, sobretudo a partir das meninas se deve pelo fato de que ainda hoje por diversas vezes, ela é definida apenas por um viés fisiológico, a partir de suas anatomias e funções orgânicas. A sexualidade, ao contrário, precisa ser considerada a partir da manifestação dos desejos, os quais são produzidos nos espaços culturais e sociais. Para Louro (2007, p. 5) a sexualidade não é algo natural, algo dado, mas seria aprendida culturalmente. “A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. [...] a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

¹ Licenciada em Educação Física pela FURG. Pós graduanda em Educação Física Escolar – UFPEL. E-mail: lory94@gmail.com.

² Licenciada em Educação Física e Pedagogia hab. Anos iniciais. Mestre e doutora em Educação em Ciências pela FURG. Professora de Educação Física das redes municipal e privada de ensino na cidade de Rio Grande/RS, e-mail jo_pedagoga@yahoo.com.br.





É importante investigar as produções que acontecem em instituições de acolhimento, pois esses são espaços educativos e disciplinadores bem como outras instituições que normalmente são pesquisadas, como a escola, o quartel, a prisão entre outras, sobretudo no que tange aos corpos, aos gêneros e às sexualidades de meninos e meninas que ali residem.

Metodologia

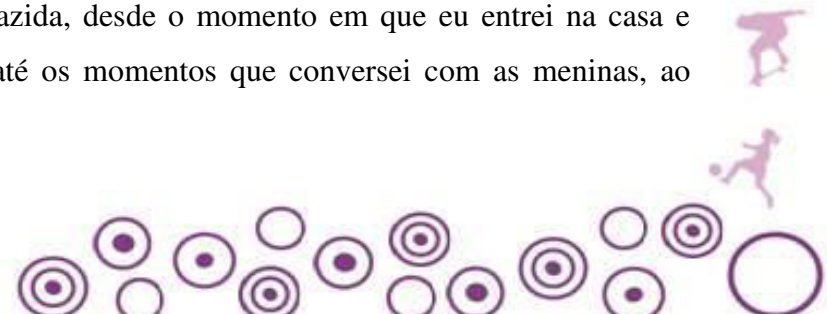
Este trabalho foi realizado em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas, em meados do ano de 2017 que abriga meninos e meninas com idades de 0 a 18 anos. Para isso, foi utilizada como abordagem os Estudos Culturais, especificamente utilizando a produção de narrativas. Para tanto, como forma de construir os dados, foram realizados um total de quatro encontros, com cerca de 2 horas cada um, com 4 meninas.


Tais encontros se caracterizavam por uma inspiração no grupo focal. A partir de Gatti (2005), o grupo focal é produzido através da seleção de participantes que discutem sobre um tema, em que todos(as) devem conhecer ou ter alguma característica em comum. Este grupo envolve atividades coletivas e podem ser utilizados diferentes artefatos disparadores tais como: revistas, propagandas, desenhos, músicas, filmes, entre outros. A temática inicial para o grupo realizado foi Corpo, e a partir do que as meninas diziam, emergiu outras temáticas, entre elas, uma que atravessou todos os encontros foi a sexualidade.

Pelo fato da pesquisa acontecer com as meninas me utilizei de artefatos que pudessem chamar a atenção delas de alguma forma. Nesse sentido, os elementos do grupo focal, como o trabalho em grupo, bem como os artefatos disparadores se tornaram potentes como uma inspiração. Apesar de eu não ter me utilizado dessa técnica em todas as suas características, me utilizei de algumas possibilidades que esta ferramenta disponibiliza, especialmente pelo trato com as crianças e adolescentes, por ser uma possibilidade de desenvolver atividades que facilitem a produção de dados, algo que em uma entrevista tradicional poderia não possibilitar.

O caso da sexualidade

Como mencionado anteriormente, a sexualidade não era uma temática central para a realização do trabalho, entretanto, ela emergiu nos mais variados momentos dos encontros. É possível afirmar que antes mesmo de entrar em contato com as meninas para realizar os encontros, a ideia de sexualidade já estava presente. Em outras palavras, em todos os encontros, essa temática foi bastante trazida, desde o momento em que eu entrei na casa e falei sobre a pesquisa para a diretora até os momentos que conversei com as meninas, ao longo de todos os encontros realizados.






Quando conversei com a diretora da casa e apresentar a pesquisa, pude perceber que ela ficou bastante relutante, dizendo que era muito complicado abordar tal temática, pois havia chego um menino de 17 anos no abrigo e havia uma menina de 13 anos que estava extremamente atraída por ele. Com isso, ela estava tendo que conversar seguidamente com a menina, demonstrando, a meu ver, que ainda hoje existe uma vigilância sobre a sexualidade das meninas. Esse fato se evidenciou pela necessidade de conversar com a mesma, porém em momento algum fala sobre orientar o menino, como se o mesmo não necessitasse de tal cuidado. Nesse sentido, ela trazia na sua fala que não queria que a minha pesquisa aflorasse ainda mais isso e me orientou a tratar essa temática com cautela, quando eu fosse conversar, tivesse o cuidado de falar sempre em prevenção.

A sexualidade ainda hoje é considerada a partir dos atributos fisiológicos que homens e mulheres possuem e que a partir de determinada idade há um interesse sexual de ambos os sexos. Além disso, se aprende que ela deve ser vivenciada e tratada no âmbito do privado, bem como reprimida a todo o custo, especialmente quando se trata de instituições educativas. Não se fala em relações sexuais, sexualidade ou desejo pelo fato de poder estar incitando os outros sujeitos. Nesse sentido, ainda hoje se nega ou se trata no sentido de preservação da sexualidade, principalmente quando esse discurso recai sobre as meninas.

A partir desse primeiro contato com a casa, especificamente com a diretora, parece que a sua preocupação recai sobre uma menina em específico, pelo fato dela ser adolescente. Pude perceber isso, pois, ao falar sobre a menina que é a mais velha de todas (tem 16 anos) e que é deficiente, ela demonstrou que não se preocupava com a sexualidade dela, como se ela fosse assexuada por ter uma deficiência ou não produzisse desejos.


Além dessa menina que apresentava uma deficiência, a diretora também não demonstrava se preocupar com as meninas que eram um pouco menores, por exemplo, com as gêmeas que têm 9 anos. Entretanto, em vários momentos dos encontros com as meninas, a sexualidade se mostrou presente em suas falas. É possível visualizar, por exemplo, quando as mesmas entram em uma conversa sobre os seus quartos:

<p><i>Eu: Como são os quartos de vocês?</i> <i>Michele³ (13 anos): São separados, têm os das meninas e o dos meninos, mas ia ser muito legal se fosse junto.</i> <i>Camila (9 anos): Se fossem juntos ia ser uma putaria.</i> <i>Michele (13 anos): Não ia nada, a gente ia poder fazer bagunça até mais tarde.</i> <i>Camila (9 anos): Ia ser sim.</i> <i>Eu: Por que vocês acham isso?</i> <i>Camila (9 anos): Porque sim né tia, um quarto junto com os guris ia ser só putaria (risos)</i></p>



³ Todos os nomes são fictícios e foram escolhidos dentro de uma atividade realizada pelas meninas.





Maria (9 anos): E ai ia ser ruim, porque a gente ia ter que dormir de roupa né, e a gente sempre dorme pelada (risos)

Grupo focal dia 1 de julho de 2017.

Através desse diálogo, é possível ponderar que as meninas não são sujeitos assexuados, apesar de não existir um olhar de vigilância sobre elas. Não se fala em sexualidade com as crianças, como se fosse uma espécie de assunto proibido ou como se as mesmas não a produzissem. Porém, através do diálogo trazido acima, é possível ponderar que as meninas não são assexuadas, apesar de não existir um olhar de vigilância sobre as mesmas, por ainda não terem entrado na adolescência, como se a sexualidade só começasse a existir nessa fase da vida. Segundo Louro (2007), a sexualidade das crianças é vigiada e por diversas vezes negadas e silenciadas e aqueles que fogem a essa norma são considerados desviados do padrão.

Para o segundo encontro, levei algumas músicas que as meninas falaram que gostavam de escutar. Entre as músicas estavam, “Cinderela” da Mc Bella com Participação do Mc Gui e “Sou da Favela, Ela é do Asfalto” do Mc Pikenho. As suas letras contêm a história de um amor homossexual e uma espécie de conto de fadas, em que no final o menino e a menina sempre acabavam se relacionando.

Ao conversar com as meninas, as mesmas me falaram que esse homem descrito nas músicas seria o “homem ideal”, porém que ele não existia, pois todos os homens não prestavam. E ao analisar a música, é possível perceber a ideia de um príncipe e de uma princesa (Cinderela), demonstrando não parecer que só elas querem o homem ideal (príncipe) mas, eles também querem uma Cinderela. Assim, no imaginário das meninas, elas precisam se tornar essa princesa.

Apresento abaixo, um diálogo com a menina sobre o modelo de “homem ideal”

Eu: Por que vocês gostam dessas músicas?

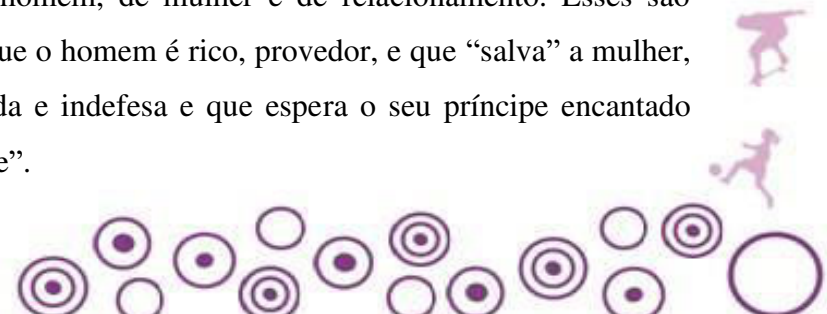
Michele (13 anos): Ah tia, porque esse homem das músicas é o ideal né. Mas nem existe homem assim.

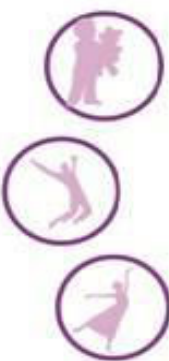
Eu: Como assim homem ideal? Por que não existe?

Michele (13 anos): Assim que nem o da música. Não existe, homem nenhum presta, só iludem a gente, ficam com a gente e com outras.

Grupo focal dia 8 de julho de 2017.

O conto da Cinderela, criado pelo escritor francês Charles Perrault busca demarcar os papéis daquilo que seria um ideal de homem, de mulher e de relacionamento. Esses são produzidos sempre através da ideia de que o homem é rico, provedor, e que “salva” a mulher, que é linda, delicada, bondosa, prendada e indefesa e que espera o seu príncipe encantado para que possam ser “felizes para sempre”.





Em todos os nossos encontros, as meninas falaram sobre o menino que a diretora tinha mencionado no meu primeiro contato com a casa, relatando que o mesmo só fazia com que os seus corações chorassem. Alguns desenhos produzidos por elas, ainda no primeiro encontro, ilustravam o menino e também as suas decepções amorosas (Figuras 1 e 2):



Figuras 1 Menino que as meninas admiram.

Figura 2 Coração chorando

FONTE: Grupo focal

Esse menino visualmente se encaixa no papel de príncipe encantado, já que era considerado por elas como o mais bonito dos abrigos. Elas relatavam que ele era o Justin Bieber⁴ do Paraguai por ter uma grande semelhança com o cantor (ser loiro, alto, magro), ao mesmo tempo que desejavam se relacionar com o menino, as mesmas ficavam bravas com ele por ele fazer com que seus corações chorassem.

Através dos diálogos a seguir, é possível observar tais relatos:

Diálogo 1:

Camila (9 anos): eu só gosto de desenhar coração chorando

Eu: só coração?

Camila (9 anos): Ainda mais quando eu fico braba

Eu: e por que que tu fica braba?

Camila (9 anos) Huum por causa de um cara lá

Maria (9 anos) é um guri chamado ... (esse menino também é morador da casa, tem 17 anos)

Michele (13 anos): C (nome do menino)

Grupo focal dia 1 de julho de 2017.

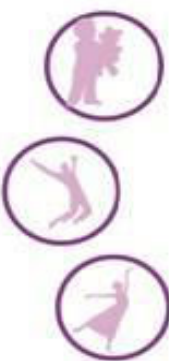
Diálogo 2:

Maria (9 anos): era ruim, mas agora tá ficando melhor, tu sabe por que né?(Falando sobre morar na instituição).

Michele (13 anos): aah só por causa do C.

⁴ Justin Drew Bieber é um cantor e compositor de música pop e ator canadense de grande sucesso, sendo considerado como ícone teen/adolescente. https://www.ebiografia.com/justin_bieber/ <acesso 22.09.2017>





Camila (9 anos): o tia ele é tri bonito, o mais bonito de todos os abrigos

Grupo focal dia 1 de julho de 2017.

A menina de 13 anos relatou que namorava esse menino, demonstrando aquilo que a diretora já havia anunciado, porém, a mesma, desde o início demonstrou um olhar disciplinar e de repressão sobre essa menina, temendo que pudesse acontecer algum ato sexual. Entretanto, em momento algum a menina fala que o mesmo acontece. Esse menino é desejado por todas as outras, inclusive as meninas dos outros abrigos, fazendo com que aconteça uma disputa pelo mesmo. A tensão da direção por causa do menino era tanta que entre o primeiro e o segundo encontro o mesmo foi transferido de instituição, fazendo com que ele não morasse mais com a menina e com isso o problema fosse amenizado.

Abaixo trago um diálogo que conta um pouco dessa tensão:

Michele (13 anos): Tia sabia que o C foi transferido?

Eu: é mesmo? Por que?

Michele (13 anos): Ah porque eu estava namorando ele, ai a gente foi pra aula de violão e eu descobri que ele estava com a minha prima que é do outro abrigo. Ai a gente brigou, minha prima nem tá falando comigo agora, e eu bati no C dentro da van, ai ele pegou e fugiu e trouxeram ele algemado pro abrigo. Ai a tia C (diretora do abrigo) disse que a gente não poderia ficar mais no mesmo abrigo e que a gente não podia namorar.

Grupo focal dia 8 de julho de 2017.

Esse olhar disciplinar sobre a sexualidade das meninas era tão grande que até mesmo os desenhos que elas faziam eram fiscalizados.

Michele (13 anos): Tia, posso ficar com esse desenho que eu fiz pra mim?

Eu: Pode.

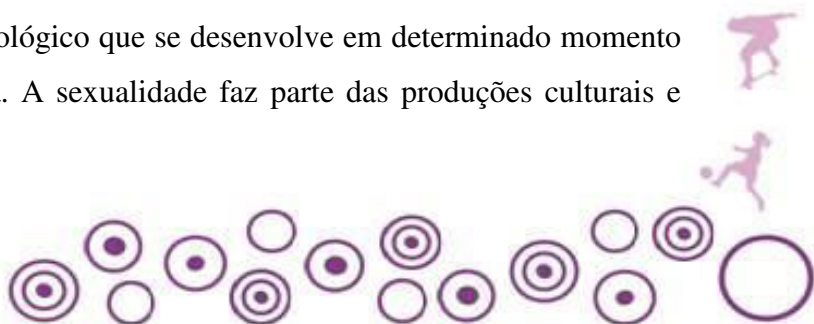
Camila (9 anos): Tu vai fazer esse desenho? Sabes que já te proibiram, se as tias pegam tu fazendo esse desenho vai dar problema, ainda mais escrevendo isso (Falando sobre o desenho de um coração chorando e do lado estava escrito saudades).


Grupo focal dia 8 de julho de 2017.

Tal diálogo demonstra que apesar das meninas terem a sua sexualidade o tempo todo vigiada para que não burlem as regras impostas, as mesmas fogem dessa regulação, procurando escapar desse olhar disciplinador.

Considerações finais

A partir do exposto no texto podemos perceber que a sexualidade não pode ser considerada apenas como um atributo biológico que se desenvolve em determinado momento da vida, ou seja, durante a adolescência. A sexualidade faz parte das produções culturais e





sociais e para tanto são aprendidas a todo momento, mesmo que ela seja constantemente reprimida/controlada/vigiada.

Além disso, é possível considerar que apesar de existir um olhar regulador sobre as meninas a todo o momento pelas educadoras, em que pretende que as mesmas nem falem em sexualidade, quando podem, escapam de tais regras, produzindo um imaginário de homem ideal que seria uma espécie de príncipe encantado.

Referências

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. In: Série Pesquisa em Educação. Líber Livro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

